

# HUMANIDADE E DEGRADAÇÃO EM GERAÇÃO DO DESERTO

ANTONIO MOHLEFELDT\*

A publicação de "Geração do Deserto", por ironia ou coincidência, se dá exatamente em 1964<sup>1</sup>. Seu tema é uma das tantas concretizações do messianismo que a história brasileira registra em seu desenvolvimento, mercê das estruturas despóticas que caracterizam nesse (sub)desenvolvimento terceiro-mundista. Trata-se do Contestado, movimento que explode em fins de 1912 e será exterminado apenas em início de 1916, envolvendo cerca de vinte mil caboclos ou sertanejos do planalto catarinense. Assemelhado parcialmente ao movimento de Canudos, a luta entre "peludos" e "pelados", contudo, teve combates bem mais intensos e significou um avanço na estruturação das oligarquias feudais e latifundiárias do país na dominação das eventuais revoltas populares em busca da terra, através da modernização do Exército, que passa a atuar, cada vez com maior desenvoltura, como intermediário dos interesses de classe, no caso, as elites.

A compreensão do Contestado, contudo, exige de estudioso a atenção para um conjunto múltiplo de elementos, não se podendo apontar uma única causa, mas sim a combinação delas. Antes de mais nada, deve-se lembrar que já havia certa tradição de

---

\*Jornalista, crítico literário e ficcionista. Autor, dentre outros, de "A Literatura de Santa Catarina", 1985.

luta na região, pois pelo menos dois movimentos de grandes proporções, oriundos do Rio Grande do Sul, haviam atingido aquela área, ou seja, a Revolução Farroupilha e a Revolução Federalista. Outro dado básico é o choque crescente entre os diferentes interesses locais, representados pelo mandonismo dos "coronéis", travestido em disputa por fronteiras entre os estados de Santa Catarina e do Paraná, mas que serviam para que os latifundiários regionais, valendo-se do conjunto dos caboclos, invadissem, ocupassem e saqueassem, indiretamente, as propriedades de seus vizinhos, ou, pura e simplesmente, exercessem seu poder político na região. A transferência da administração de terras federais para os governos estaduais, decidida pelo governo republicano do Floriano Peixoto apenas exacerbou a cobiça dos coronéis locais, que passaram assim a degladiar-se ainda mais.

O elemento principal deflagrador da luta, o contudo, deve ser creditado a um claro sentimento de injustiça e espoliação que caracteriza esta população quase toda analfabeta e marginalizada, socialmente falando, e que se sente diretamente agredida quando, por força de decisões federais que implantam na região a estrada de ferro, concedem-se propriedades de terras às margens da nova ferrovia, em faixa de quinze quilômetros de cada lado, ao grupo Farquhard, que passa a expulsar os colonos que residiam naquela região, embora sem títulos de propriedade. Os proprietários médios de toda a zona, num primeiro momento alegram-se com o fato, pois uma estrada-de-ferro significa progresso, e até colaboram quando, quase simultaneamente, uma subsidiária da empresa, disseminando-se em toda a região, cria madeireiras de grande porte e potência, porque maquinizadas, e passa a derrubar as matas de toda a área. Em breve, contudo, o avanço da Lumber é compreendido como mortal para as matas nativas - no que tange a esses proprietários, e mais perigosa ainda para as populações pobres, que ficam destituídas até mesmo de um de seus produtos alimentares básicos, o pinhão.

Assim, à expulsão de terras e consequente nomadismo, soma-se a fome, e os ânimos não tardarão a se exaltarem.

Um último elemento deve ser lembrado ainda, como agente dinâmico e sintetizador que levará ao surgimento do movimento: a crença religiosa popular. Já no século passado, mercê do es-

quecimento total que a região sofre por parte do poder religioso institucionalizado, surgira uma primeira figura de monge, João Maria. Ao morrer, prometera voltar, e efetivamente, um segundo monge, com o mesmo nome, surgirá algum tempo depois. Estes dois João Maria do século XIX, o último vindo a desaparecer pura e simplesmente, em 1912, facilitaram a aparição de um outro santo, José Maria, que a partir de 1897, dizendo-se "irmão do segundo João Maria, prega em toda a religião do planalto e deslocando-se de um lado a outro, começa a operar alguns milagres. Sabe-se que, na verdade, ele era um ex-soldado, deserto de Exército, e que levado pelas circunstâncias específicas, terminará levando aquela população revoltada a um movimento de congregação e irmandade, e daí à luta armada.

Deve-se observar, contudo, que José Maria é morto no dia 22 de outubro de 1912, quando tropas militares expulsam os caboclos da primeira região que eles escolhem para se reunirem e fundarem sua "cidade santa", o Irani. A morte de José Maria custou também a vida do comandante militar, João Gualberto, mas a debandada dos caboclos ocorre, vindo-se a reunir, contudo, logo depois, na região do Taquaruçu. Sucessivamente expulsos e renovando sua organização, os "pelados" vão fundar ainda mais dois grandes redutos, em Caragoatá e Santa Maria, onde serão finalmente dizimados por um Exército modernizado em armas e técnicas militares, finalmente preparado para as repressões mais violentas que se seguirão, contra caboclos mal amados e pior armados, pois agora já distanciados dos interesses mesquinhos dos fazendeiros da região. Entregues a sua sorte, valendo-se apenas de táticas guerrilheiras que, aliás, têm sempre caracterizado os movimentos armados populares de rebeldia em nossa história e em todo o Terceiro Mundo, os revoltosos terminam absolutamente chacinados.

Uma última observação histórica: a guerra do Contestado deve ser entendida no contexto de lutas que marca uma profunda modificação na estrutura sócio-político-econômica brasileira, com a entrada definitiva do Brasil no universo capitalista, e que redundará inclusive na República Nova de 1930, eis que a estrutura da Velha República, evidentemente em crise, não resistirá às lutas entre as velhas estruturas oligárquicas e a nova

organização burguesa e urbana, com interesses tanto na área industrial quanto rural. Na prática, como bem observa Marli Auras<sup>2</sup>, os "sertanejos foram sujeitos da história ao construírem a irmandade, seu inequívoco manifesto de rejeição à ordem capitalista em curso".

Pagaram com a vida a experiência e a utopia, mas deixaram um legado ainda hoje estudado com respeito por aqueles que buscam a versão dos oprimidos no desenvolvimento da nação.

A bibliografia sobre este movimento é rica, correspondendo à importância mesmo da manifestação que aí temos. É ao abrigo desta leitura que Guido Wilmar Sassi comporá seu romance *Geração do Deserto*<sup>3</sup>, organizando-o temporalmente de maneira linear, em quatro partes, intituladas segundo as quatro regiões em que os sertanejos fundaram e fixaram seu movimento. A estruturação, contudo, responde à interpretação particularizada que o escritor dá ao movimento e, mais que isso, a sua própria visão do mundo, presente tanto nos contos quanto nos demais livros anterior e posteriormente editados.

Assim, às figuras históricas verdadeiras, como os fazendeiros Juca Tavares e Chico Ventura, ou as lideranças caboclas de Elias Moraes, Adeodato, além das videntes como Teodora, ou militares como João Gualberto e Setembrino de Carvalho, além, evidentemente, do próprio São José Maria, o escritor dá tratamento fiel aos dados conhecidos, mas não se exime de utilizá-los ficcionalmente, em especial nos casos dos líderes do Contestado. Mas o fato mais importante é que, a estes, Guido Wilmar Sassi opõe, de certa maneira, toda a imensa galeria de outras figuras, absolutamente ficcionais, que vão desde o grupo dos Doze Pares de França - na melhor tradição do livro "História de Carlos Magno" - até figuras de fundo. E centraliza sua atenção naqueles que, numa espécie de contraponto, conduzirão, efetivamente, a ação romanesca no sentido que lhe interessa.

Essa escolha recai sobre dois pares, um velho - Mané Rengo e sua mulher Luzia, que em certo momento adotam um menino, Valentim; e Liveira e Julia, o par jovem, que durante a ação terá seu primeiro filho, Tadeu. Existirá, assim, na narrativa, uma história geral e coletiva e, de outro lado, uma história particularizada. Na primeira, Sassi projeta a interpre-

tação histórica e sociológica, e na segunda, introduzirá a perspectiva humanística com que afinal, termina sua obra, num contraste bastante forte em relação a seus livros anteriores, se levarmos em conta que, praticamente em todos eles, existe uma visão bastante negativista por parte do escritor, um determinismo classista e histórico, através do qual concretiza sua denúncia social, segundo o qual não há fuga nem solução para a marginalidade sofrida por suas personagens. Isso ocorria tanto nos primeiros contos de "Piá" ou "Amigo velho" quanto no romance **São Miguel**, mas pode-se dizer que sofre pequena modificação no relato de **Geração do Deserto**. Observemos, para tanto, a maneira pela qual se desenrola tal enredo, partindo de um ponto básico, o próprio título da obra.

Há duas menções específicas à expressão "geração do deserto", que se refere, aliás, a uma passagem bíblica da travessia do deserto por parte dos judeus, comandados por Moisés, em busca da terra prometida. A primeira é um sermão de Elias, que a estas alturas já substitui José Maria, falecido no primeiro confronto armado com os militares. Diz Elias:

"- Nós somos a geração do deserto! Como a nação dos judeus nós estamos neste deserto, em busca da Terra Prometida. Faz quase quatro anos que nós declaramos a Guerra Santa e estamos lutando para conquistar a nossa terra (...) Mas a Guerra Santa tem que continuar, porque nós somos a geração do deserto, os que devem ser sacrificados. A nossa geração tem que vencer estaguerra, nem que todos tenham que morrer. No tempo de Moisés ele também guiou o povo pelo deserto, e toda a geração velha morreu. Mas os que nasceram no deserto chegaram à Terra de Canaan, prometida por Deus" (p.119).

A segunda passagem é menor e repreisa, sinteticamente, a primeira. Naquela ocasião, a fala de Elias estava sendo comentada por Mané Rengo e Liveira, que concordavam no desafio que a guerra lhes colocava pela frente. Agora, são as mesmas duas figuras que recordam o discurso:

"- Seu Elias e a Bíblia é que tão certos. A nossa gente é da geração do deserto, que nem o povo de Moisés. A geração velha dos judeus que ficou quarenta anos no deserto, e nenhum dos velhos entrou na Terra Santa. Faz quatro anos que a gente

anda nesta guerra, meu compadre. Vamos morrer todos. Essa terra que você vê ai não vai ser nossa..." (p.147-8).

O que se modificou, basicamente, de uma para outra passagem, é o crescimento deste fatalismo segundo o qual, na expressão de Mané Rengo, "essa terra que você vê ai não vai ser nossa..." O que sutilmente está colocado, no fundo da mente daqueles personagens, é que eles irão morrer e, quem sabe, nem mesmo para as próximas gerações aquela terra há de pertencer a eles, e daí o desespero que, crescentemente, começa a espraiar-se por toda a ação romanesca.

Na verdade, partindo da citação bíblica que usa como epígrafe do livro, Guido Wilmar Sassi a interpreta duplamente. Uma perspectiva é a pura e simples metaforização dos caboclos do **Contestado**, os pelados, que são aproximados dos judeus em andanças, na fuga do Egito, até a terra prometida. Neste caso, fica bastante evidente que o principal motivo de toda a luta é a falta de terra, é a impossibilidade de fixação daqueles ser-tanejos em uma propriedade - no caso já comunal - que lhes propiciasse sobrevivência. Nos primeiros momentos isso até ocorreia, quando, no Irani, ao fundarem sua primeira Cidade Santa nas terras dos fazendeiros amigos, conseguem uma boa produção agrícola. Mas sua expulsão levara-os a Taquaruçu, onde tentam o mesmo nas terras de José Ventura, passando então a serem escorregados de um lado para o outro, chegando a Caragoatá e enfim Santa Maria. A exemplo de todos os demais movimentos semelhantes, é a falta de terra e, mais que isso, a falta de tudo o que possa humanizar a vida, é que no fundo transforma aquela gente numa verdadeira geração do deserto. E aqui, entramos na segunda perspectiva de interpretação da expressão. A "geração do deserto" é também, não apenas o povo nômade em busca de algo, mas o povo absolutamente carente e descrente de tudo e de todos, que nada tem e terminará por se agarrar ao mínimo que lhe derem, a menor expectativa de futuro, como aquela trazida por São José Maria.

Entramos, assim, na questão do santo, Antonio Pedro Totta, em **Contestado: a Guerra do Novo Mundo**, observa que "o **Contestado**, diferentemente de Canudos, não 'precisou' de uma personalidade mística central marcante. A existência de monges,

principalmente o último José Maria, que iniciou a luta, foi efêmera e o movimento continuou sem um líder específico"<sup>4</sup>.

Efetivamente isso ocorreu, mas José Maria possui, de qualquer maneira, importância na trama ficcional de *Geração do Deserto*. Em primeiro lugar, chama-nos a atenção a forte oposição que se cria entre a figura bondosa, caridosa, pacata e humilde do último João Maria, de comportamento absolutamente regrado, e a figura de José Maria, que surge pregando e curando, mas aproximando-se, sempre que pode, das figuras geradas da elite. José Maria bebe, fuma, é mulherengo, e vai gradualmente estabelecendo seu mando à base da violência direta ou indireta. Manda assassinar, por exemplo, um ex-companheiro que conhecia sua história verdadeira. Depois, cria a instituição das **virgens**, raparigas de mínima idade, que terão visões, a partir do momento em que conviverem com ele. Sua conduta é praticamente despótica, ainda que travestida com os ares de santidade que o rodeiam:

"As meninas passaram a conviver com José Maria no rancho e, à noite, compartilhavam do seu catre. Depois contavam ao povo as visões que haviam tido durante o sono. Murmuradores apareceram, estranhando o fato de o monge dormir com as garotas. Em voz alta, porém, ninguém reclamou. Afinal, daquelas coisas do céu, era José Maria o entendido" (p.32).

E enfim, ao contrário de João Maria, seu sucessor nada tinha de humilde, e acabara por preparar o povo para a luta. Deve-se verificar, no entanto, que a observação do historiador corresponde à verdade que é inclusive mantida por Guido Wilmar Sassi em sua narração. Afinal, José Maria morre logo no primeiro confronto no Irani, em fins de 1912, embora o responsável por sua morte, o major João Gualberto pague igualmente com a vida o fato. A partir de então, sucedem-se novas chefias, numa espécie de colégio diretivo do grupo: Manoel e Elias, com a vidente Maria Rosa, comandam o grupo em Taquaruçu; Elias e Manoel das Neves, com a vidente Ana, são os comandantes em Caraçóata; e enfim, em Santa Maria, é especialmente Adeodato quem termina por centralizar em suas mãos todo o poder, o administrativo, religioso e militar, que exerce com despotismo e violência, em proveito próprio e dos seus amigos.

A comparação entre os dois monges está explícita nesta passagem, mas também aí se entende o porquê de ele ser aceito, de qualquer forma, por parte daquele povo carente de tudo:

"De vez em quando, os caboclos se punham a comparar o atual monge com o anterior, com o velho e bondoso João Maria do qual seus pais falavam sempre, o venerando profeta que havia sido padrinho de todos eles. Muitos dos componentes do reduto haviam-no conhecido pessoalmente, com ele haviam privado. Do confronto, José Maria saía perdendo sempre. O santo era alto, não bebia álcool, não comia carne, não andava rodeado de mulheres, jamais aceitara dinheiro. José Maria era baixo, e corpulento, pernas e braços curtos, em desproporção com o tronco avantajado, João Maria, sem favor nenhum, pode ser classificado como um ancião de boa aparência. O monge atual, de belo não tinha mesmo nada: o nariz grande e chato, os lábios grossos, os dentes podres e encardidos. E, se não tinha o olhar bondoso e sereno do outro, de gênio também dferia - zangava-se facilmente, era colérico e vingativo. Mas João Maria não voltara, não obstante a promessa feita. Ninguém sabia por onde andava ele, nem se ainda era vivo. Mandara o irmão para cuidar da sua gente. José Maria, apesar dos defeitos, era irmão do outro, santo e milagroso por sua vez. Os caboclos acreditavam nele. Era o jeito. Em nada mais acreditavam. Não tinham no que" (p.39-40).

Assim, pois, a "geração do deserto" sobrevive. A auto-organização dada primeiramente por José Maria e logo depois pelos chefes que o sucedem, no melhor modelo militar clássico, trazido da narrativa de Carlos Magno, consubstancia-se na guarda dos Doze Pares de França, que José Maria, num esforço de interpretação, e para contentar a todos os interessados, transforma em vinte e quatro figuras, dizendo que em sendo um par formado de dois, os Doze Pares devem significar vinte e quatro homens armados. Além da saída humorística e inteligente, que configura, uma vez mais, o abuso que José Maria faz da credicice dos caboclos (a outra é ter-se apresentado como "irmão" de João Maria) temos ainda outro aspecto desta orfandade, desta desertificação reificada dos sertanejos. Como explicam os intérpretes do episódio, analfabetos e sem uma auto-imagem, sem o reconhecimento de uma história própria, estes caboclos acostuma-

ram-se, no correr dos anos, a ouvirem a Bíblia ou a narrativa oral de Carlos Magno. Para eles, assim, o fenômeno da apropriação histórica se dá com absoluta naturalidade. Sem uma história pessoal, assumem a tradição histórica clássica, e transformam-se, eles mesmos, não apenas na geração do deserto como nos detentores de uma Guerra Santa que haverá de reimplantar a justiça na terra. Por isso não é de se surpreender que se saliente, em todos os bons estudos que se fizeram sobre o movimento, especialmente o de Douglas Monteiro, esta consciência absoluta da espoliação que marca os revoltosos do Contestado, e, ao mesmo tempo, a sua preocupação em desenvolverem uma personalidade própria, que se vai centralizar na irmandade que são os Doze Pares de França e todo o seu simbolismo.

Destacávamos as figuras de Mané Rengo e Luzia, sua mulher, além de Liveira e Júlia. É significativo que eles sejam as figuras centrais das últimas cenas de três das quatro partes em que se organiza a narração. E a segunda, única que eles não centralizam, dá lugar a duas outras figuras da ficção, a velha Zeferina e seu filho louco Nenê. Analisemos, pois, estes episódios, começando pelo último.

Zeferina vê-se envolvida pelo filho Nenê, um deficiente mental, em seu sonho de tornar-se igualmente um Par de França. Em que pese sua força física, Nenê não tem a menor consciência do que faz, e ao lado de sua vontade em tornar-se cavaleiro, descobre a filha de Dom Rocha Alves, um dos fazendeiros de Taquaruçu, escolhido "imperador" pelo grupo sertanejo. A velha Zeferina, à falta do pai do rapaz, dirige-se à autoridade para fazer o pedido, que é parcialmente aceito, no melhor estilo das velhas narrativas de fadas, com a condicionante de mostrar o rapaz certa valentia e coragem:

"Pois tá certo. Não digo que sim... e também não digo que não. Primeiro você vai provar que tem coragem e valentia. Nós estamos em guerra, pois não é? Você se aliste no Exército de São José Maria, e daí vamos ver se eu lhe dou ou não a minha filha em casamento. Volte depois, quando tiver juntado vinte orelhas de peludo" (p.60).

A partir de então, Nenê arranja uma espada, começa a treinar para seu grande confronto. Uma conversa casual, ao pé

do fogo, dá a deixa esperada pelo rapaz. Alguém fala de uma das predições do monge João Maria, sobre um certo "bicho de ferro", "dragão de ferro" ou "trope de burros pretos puxando carga" (p.65). A velha Zeferina ouve a conversa, e mais interessada fica ao saber que o tal monstro apenas "come terra", na menção que alguns caboclos fazem de terem sido obrigados a deixar suas terras para "essa praga". Nenê andava preocupado com seu romance, pois surgira um temeroso e inesperado adversário, na figura do fazendeiro Juca Tavares. Assim, Zeferina e Nenê decidem enfrentar o tal dragão, da mesma forma que o monstro de São Jorge fôra enfrentado e vencido pelo santo. Nenê e a mãe partem em busca do "dragão de ferro", e enfim, o confronto se dá, num capítulo dos mais bem realizados pelo escritor, pelo tom patético com que marca a ação do enfrentamento de Nenê com a locomotiva:

"O rapaz, correndo, vociferou:

- Avança, dragão do diabo! Eu te corto com a minha espada.

E a fera avançou, resfolegando e cuspindo chamas.

- Mãe!

O grito da máquina impediu que Zeferina ouvisse o grito do filho. Um vendaval passou junto à velha, e o barulhão, fazendo tremer a terra, ensurdeceu-a. A Elética ficou atirada no leito da ferrovia; Nenê, mais adiante, era uma posta de sangue" (p.68).

Este é, pois, um capítulo marcado pela morte. Da mesma forma que, sob certo aspecto, pode-se dizer que o capítulo um está marcado pela vida, na medida em que se conclui com o nascimento o filho de Júlia e Liveira. Já os dois outros capítulos fazem a mescla desta situação: eles se movimentam da morte para a vida, e neste sentido significam importante mudança na visualização que o escritor possui do sistema social.

No terceiro capítulo temos a matança da Caragoata, a que resistem os caboclos, ainda que devendo depois abandonar o local. Mas o capítulo se encerra com um novo parto de Júlia, desta vez dando à luz a menina Gracinda, ao mesmo tempo em que Mané Rengo e Luzia descobrem o menino Valentim, que se tornara órfão, e que acaba recompondo sua família através do casal de

velhos: "Eles haviam encontrado, afinal, o filho que lhes fazia falta" (p.97).

O quarto e último capítulo, finalmente, reproduz o mesmo movimento. Derrotados, os caboclos não têm como resistir. A desbandada é geral. Liveira foge com Gracinda ardendo em febre - do tifo - nos braços. Júlia o acompanha com o menino Tadeu, suficientemente grande para andar por conta própria. Os compadres Mané Rengo e Luzia, acompanhados de Valentim, igualmente vão com eles em busca de refúgio. Gracinda morre durante a fuga e é rapidamente enterrada. Ante a proximidade dos soldados, Liveira decide-se pelo confronto, garantindo a salvação dos demais. Quando atacado, Júlia retorna em seus passos e terminam ambos mortos. Na travessia do rio, Mané Rengo acaba atingido mortalmente: restam Valentim, a velha Luzia e a criança menor, Tadeu. E é sobre estes que a personagem e o narrador depositam suas esperanças, sua fé e sua expectativa de futuro:

"Mané Rengo esperou que os soldados sumissem. Depois, lentamente, começou a subir pela barranca. Progrediu aos poucos, agarrando-se às pedras e raízes. Lá, bem longe, por entre as árvores, ele viu - ou imaginou ter visto - a sua gente em fuga. Quis gritar, pedindo socorro. Palavra nenhuma saiu-lhe da boca, uma golfada de sangue abafando-lhe a voz. Mané Rengo fixou bem aqueles vultos que se afastavam: Luzia, Valentim e Tadeu. Uma família - a sua família. Estavam do outro lado, a salvo. A imagem dos três ele guardou na retina. Depois uma névoa todou seus olhos. Não viu mais nada. Largou as ramagens e escorregou devagarinho para dentro do rio" (p.175).

Para quem leu os primeiros textos de Guido Wilmar Sassi, e especialmente **Piá**, sua obra de estréia, não duvida de que houve imenso progresso. Se naqueles primeiros trabalhos havia uma total descrença sobre as possibilidades de respeito na céluia familiar e nas crianças, neste novo trabalho o escritor como que aposta no futuro, não apenas através das crianças - no caso Tadeu e Valentim - quanto na própria formalização de uma estrutura social, que é a família (daí o sentido de importância atribuído ao compadrio desenvolvido entre Liveira e Mané Rengo com suas respectivas famílias). Na prática, o leitor sabe que estas mesmas crianças continuaram - como continuam ainda hoje -

marginais, socialmente falando, pois permaneceram na condição de integrantes de uma "geração do deserto", à medida em que nenhuma reforma agrária coerente foi ainda hoje implantada neste país. Mas estruturalmente, não há dúvidas de que **Geração do Deserto** diferentemente dos demais trabalhos de Guido Wilmar Sassi, quer-se um livro menos fatalista e menos nihilista do que os anteriores.

Num processo que é, ao mesmo tempo, de identificação e compreensão empática pelo procedimento caboclo, e, de outro lado, certa desmitificação dos procedimentos messiânicos comuns em nosso país, à medida em que não se resolvem as sub-condições de sobrevivência destas áreas rurais, Guido Wilmar Sassi parece propor que, aos grupos mais ou menos formalizados como os que geraram a Guerra do Contestado, nos terríveis choques desenvidos entre "pelados" e "peludos", só se pode evitar a desarticulação e a degradação humana desde que se mantenham intactos os laços familiares mais próximos e imediatos. Assim, à violência institucionalizada por ambos os lados, na luta, opõe o escritor os episódios de Zeferina e Nené, as relações das famílias de Mané Rengo e Liveira, ou, em outro lance mais ou menos isolado, a fidelidade de Belmira ao marido, Boca Pica, quando descobre a trapaça de Doquinha para poder aproximar-se dela. A degadação, por outro lado, ocorre no rompimento da antiga amizade entre o cego Tavinho e o leproso Tiburcio, provocada pelo descobrimento de dinheiro republicano, da parte de Tiburcio, escondendo-o de Tavinho. Todos estes episódios, particularizados, ao mesmo tempo em que pela comparsaria dramática estabelecida, dão vida ao enredo romanesco, compõem igualmente o ambiente de degradação e desmantelamento das estruturas sociais, mercê da absoluta marginalidade em que vivem os sertanejos, enfrentando as tropas de elite do Exército, que ali chegam absolutamente modernizadas e alimentadas, mas nem por isso menos cruéis e violentas.

**Geração do Deserto**, recentemente reeditado, é um romance-marco, não apenas na literatura de Guido Wilmar Sassi (que só voltaria a publicar novo livro uma década depois), quanto na literatura de Santa Catarina e do Brasil. Insere-se esse romance no pequeno conjunto daquelas obras que se pretendem a

visão dos vencidos, a versão dos marginalizados, quando transformados em sujeito da história. É dos textos, portanto, mais importantes de se ler, para que se tenha ampla e plena compreensão do fenômeno conhecido como Guerra do Contestado, um dos tantos e importantes marcos de resistência popular à tradicional opressão das elites brasileiras.

#### NOTAS

<sup>1</sup>SASSI, Guido Wilmar. *Geração do Deserto*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

<sup>2</sup>AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a Organização da Irmandade cabocla*, Editora da UFSC, Cortez Editora - Assembléia Legislativa de Santa Catarina, Florianópolis, 1984.

<sup>3</sup>Dentre as obras mais importantes de interpretação deste fenômeno, devem-se destacar: CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*, Lunardelli; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito social*, Ática; MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do novo século*, Duas Cidades; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, Alfa Ômega; BERNARDET, Jean-Claude. *A Guerra camponesa do Contestado*, Global; BACK, Silvio. *A Guerra dos Pelados*, Movimento.

<sup>4</sup>TOTA, Antonio Pedro. *Contestado: a Guerra do Novo Mundo*, Brasiliense. São Paulo, 1983.



PEDRO PIRES — Desenho — 1984